

## 4

**RELAÇÕES INTERTEXTUAIS: Ex 33,18-23 / Jo 1,14-18**

Verificando-se a análise dos textos Ex 33,18-23 (cap. I) e Jo 1,14-18 (cap. II) percebe-se claramente a ocorrência de uma interação entre eles. Este capítulo verificará se esta interação se configura em um processo de intertextualidade e, existindo, em que grau ele ocorre. Tomando-se como ponto de partida os critérios adotados no estudo metodológico de Markl<sup>1</sup> proceder-se-á à comparação dos textos.

**4.1.****Referência**

O critério de referência consiste em verificar a existência de temáticas comuns entre os dois textos, no caso Ex 33,18-23 e Jo 1,14-18.

**4.1.1.****Referências temáticas**

a) A temática da visão da glória:

Ex 33,18	Mostra-me, por favor, tua glória	Jo 1,14 <sup>a</sup>	Nós vimos sua glória
33,22 <sup>a</sup>	E ao passar minha glória	1,14 <sup>d</sup>	Glória que ele tem junto ao Pai

A visão da glória é a temática central nos dois textos: tanto o verbo ver quanto o substantivo glória condensam todo o substrato semântico das duas passagens. No texto de Êxodo a visão da glória aparece como algo que é intensamente desejado e no texto joanino já aparece como realização. É

<sup>1</sup> MARKL, D., “*Hab 3 in intertextueller und Kontextueller Sicht*”, Bib 85, 2004, p. 99-108. Para este trabalho utilizei a metodologia que Markl seguiu no texto citado acima. Para delimitar o conceito de intertextualidade, Markl tematiza cinco critérios (referência, diálogo, comunicação, seletividade e estrutura) cujo grau de ocorrência na comparação de textos indica sua maior ou menor relação.

interessante que cada um dos textos traz duas passagens com o tema da glória, mas em cada uma delas há variações ou nuances diferentes quanto ao sentido. No primeiro texto, no v. 18 o termo glória tem o sentido de ver a presença; na citação do v. 22<sup>a</sup> o sentido é de sinal da presença. No texto de Jo 1,14<sup>a</sup> o sentido é também de presença, mas o modo como acontece essa presença é outro. No v. 1,14<sup>d</sup> o texto especifica a origem da glória. O seu sentido está indicando para a preexistência do Filho.

**b) A temática da impossibilidade da visão de Deus pelo ser humano:**

Ex 33,2 0	“Não poderás ver minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo”.	Jo 1,1 8 <sup>a</sup>	“Ninguém jamais viu a Deus”.
33,2 3 <sup>b</sup>	“Minha face, porém não se pode ver”.		

A questão da impossibilidade da visão de Deus pelo homem, em João: “Qeon oudeij ewraken pwpote” (Jo 1,18) está em clara conexão com Ex 33,20:  $\gamma\chi\omega'$  -dāh' ynarj-al{ yki ynp'-ta, tar-i l kllt al{ A afirmação joanina retoma a temática na intenção de apropriar-se de seu significado para a construção de uma nova idéia: “monogenhj qeoj o' wh eij ton kolpon tou/patroj ekei/hoj ewhghsato” (Jo 1,18). Indicando que somente o Filho viu a Deus, exclui que alguém o tenha visto antes. Portanto, o que o Filho único revela é superior a qualquer outra revelação, embora não negue os meios de revelação na história do povo de Israel e na criação.

**c) A temática do antropomorfismo aplicada a Deus**

Ex 33,20-23	A face, a palma das mãos, as costas.	Jo 1,14	O Igoj se revela na carne.
----------------	--------------------------------------	------------	----------------------------

As referências antropomórficas aplicadas a Deus em Ex 33,20-23 remetem à temática da impossibilidade da visão de Deus pelo ser humano. O texto joanino diz que o modo humano de ver a Deus é na carne do Igoj

**d) A temática do lugar de onde se pode ver a Deus**

Ex 33,21	Eis aqui um lugar junto a mim; põe-te sobre a rocha.	Jo 1,1 4	Armou a tenda entre nós.
----------	--	----------------	--------------------------

Para o texto de Êxodo havia um lugar especial no qual se podia ver a Deus. Para o texto Joanino o lugar é no *l o g o j* feito carne que fixou morada entre os homens.

**a)** A temática do objeto da Revelação

Ex 33,19	A Moisés Deus revelou: Toda bondade, seu nome e sua misericórdia.	Jo 1,18	O Filho único que está no seio do Pai o deu a conhecer.
----------	---	---------	---

A revelação do AT trazida por Moisés revelava um conhecimento de Deus através de sua ação na história do seu povo, de sua bondade, de sua identidade. Com o Filho, que estava na intimidade do Pai, a revelação se dá pela participação do próprio Filho no mistério de Deus que é Pai. Por isto só ele nos revela plenamente a verdade que é Deus.

**f)** A temática do lugar dos reveladores

Ex 33,21	Moisés sobre a rocha, junto a Deus	Jo 1,14 <sup>d-e</sup>	O <i>l o g o j</i> junto ao Pai como Filho único
----------	------------------------------------	------------------------	--

Moisés para receber uma revelação teve que ir para um lugar indicado por Deus, ficar junto dele sobre a rocha, em evento especial; O *l o g o j* sempre esteve voltado para Deus (cf. Jo 1,1. 18).

**g)** A temática dos agentes da Revelação

Ex 33,18	Moisés	Jo 1,18	Jesus Cristo
----------	--------	---------	--------------

Os dois mediadores da revelação: Moisés, o amigo íntimo; Jesus Cristo, o Filho único do Pai.

**h)** A temática do limite da visão do homem

Ex 33,23	A face de Deus não se pode ver, somente as costas.	Jo 1,14c	O <i>l o g o j</i> encarnado é visto por muitos.
----------	--	----------	--

No texto do AT há limites para a visão de Deus. No texto do NT o *l o g o j* feito carne permite que todos possam contemplá-lo. Deus se faz ver na pessoa de Jesus. Este é o único modo do ser humano ver a face de Deus. A face de Jesus é a face de Deus (cf. Jo 14, 9).

i) A temática do relacionamento com Deus

Ex 33,21	Eis aqui junto a mim...	Jo 1,18	O Filho único que estava no seio do Pai...
----------	-------------------------	---------	--

A intimidade de Moisés e a supremacia da relação filial do Filho único.

j) A temática da liberdade de Deus

Ex 33,19	Deus diz a Moisés que concede sua graça a quem quer.	Jo 1,14	Deus expressa de modo pleno a sua liberdade revelando-se na carne do “I ogoj” e sua “glória” é vista por muitos.
----------	--	---------	--

A revelação da liberdade proclamada por Deus no texto de 33,19 é experimentada e confirmada no texto joanino.

## 4.2. Diálogo

O critério do diálogo diz respeito ao contexto em que se encontra a perícope: Se os textos falam entre si, tanto no contexto imediato quanto no mais amplo. Refere-se à relação tanto de semelhança quanto de contraposição, até mesmo mudanças de perspectivas.

### 4.2.1. A relação contextual

a) **Termos comuns no contexto mais imediato de Ex 33,18-23:**

1. No contexto posterior a expressão: *rico em graça e fidelidade* (verdade):

- a) O texto de Hebraico Ex 34,6:  $\text{tmakdsx;brw!Wlx}$ ;
- b) O Texto grego da LXX: Ex 34,6:  $\text{el ehmw n pol ue l eoj kai. al hqinoj}$
- c) O texto de Jo 1,14; 1,16; 1,17:  $\text{pl hrhj caritoj kai. al hqeiajã}$

2. No contexto anterior o termo *tenda*:

- a) O texto hebraico de Ex 33,7-11:  $\text{lhao}$
- b) O texto grego da LXX: Ex 33,7-11: Usa o substantivo  $\text{sknh}$ ,

c) O texto de Jo 1,14<sup>b</sup>: εσκηρwsen (Usa o verbo skhnow no indicativo aoristo) e não o substantivo skhnh.

**b) Termos comuns no contexto mais imediato de Jo 1,14-18:**

Não há nenhum termo comum aos dois textos nos contextos imediatos de Jo 1,14-18; nem anterior e nem posterior<sup>2</sup>.

**c) Os contextos nos textos**

1. A problemática do modo de presença de Deus no meio de seu povo que percorre todo o capítulo de Ex 33,1-23: no anjo, na tenda, na nuvem é retomada no texto joanino para aparecer com força na afirmação “ο λογοj sarx egeneto” (Jo 1,14 cf. Jo 2,13). A comunidade joanina que viveu a gloriosa experiência da proximidade de Deus em seu “monogenhj qeoj” (cf. Jo 1,18) sentiu a necessidade de proclamar o modo desta presença (Jo 1,14).

2. A *visão da Glória* no contexto da revelação de Deus é retomada por João do texto primitivo (v. 33,18), como em paráfrase, apresentando-se como a concretização da mediação de Moisés: ^dbk-ta, an" ylarh; (Ex 33,18). O texto de João proclama: “kai. eqeasameqa thn doxan autou” (Jo 1,14<sup>c</sup>). Deus ao se aproximar dos homens manifestando sua *glória* por meio do “λογοj sarx egeneto” (Jo 1,14) realizou a reconciliação entre a impossibilidade da visão de Deus e a possibilidade humana. Há uma transformação na visão da *glória* que a comunidade contempla. Não mais através de elementos que simbolizassem a presença de Deus (Ex 33,19), mas a plenitude pessoal de Deus em seu Filho Jesus Cristo (Jo 1,14-18).

3. A idéia da intimidade de Moisés com Deus que é um dos temas centrais que percorre todo o Ex 33,1-23: “YHWH falava face a face com Moisés, como um homem fala com seu amigo” (Ex 33,11) está associada com o “Filho Único que estava no seio do Pai” (Jo 1,18) que é também central em Jo 1,14-18. O texto de João destaca que a filiação de Jesus Cristo é superior a qualquer outro relacionamento com Deus. Isto traz uma mudança notável na mediação: a mediação de Moisés (cf. Ex 33,11) que como amigo íntimo intercedeu para que YHWH não abandonasse o seu povo (Ex 31,18; cf. 34,27-28) garantiu sua

<sup>2</sup> O termo mais próximo comum aos dois textos no Evangelho de João é Jo 2,11: “Manifestou sua glória”. Porém, no contexto geral do NT pode-se encontrar indícios de proximidade com o texto joanino: 1 Jo 1,1-3; Hebreus 1,1-3; Cl 1,15-20.



presente (Ex 33,12-17)<sup>5</sup>. O contexto do Evangelho de João também era de insegurança para a nova comunidade de fé que buscava consolidar sua identidade cristã exigida pelas circunstâncias<sup>6</sup>. A proclamação do *l'ogoj* encarnado em Jesus Cristo exigiu a necessidade de testemunhos (Jo 1,15) e provas das Escrituras (cf. Jo 5, 39. 47), pois se recusavam a aceitar Jesus como Filho de Deus. Portanto, o tema da natureza da presença de Deus é retomado por João para apresentar Jesus como o Filho único, aquele que faz Deus presente no meio dos homens. Assim, uma profunda mudança ocorre no modo da revelação do AT: agora, no NT, ela acontece na carne de Jesus Cristo, a Palavra eterna do Pai, e não mais escrita nas tábuas de pedra (cf. Ex 34,1-9).

### 4.3. Comunicação

O critério da comunicação por trabalhar com a linguagem, isto é, com o uso de termos e expressões comuns entre os textos, se configura como um dos mais importantes na definição de um processo de intertextualidade.

#### 4.3.1. Os graus da comunicação entre Ex 33,18-23 e Jo 1,14-18

Os termos e expressões comuns nos respectivos textos não são muito numerosos, mas os poucos que aparecem são centrais nos dois textos:

##### A) Termos comuns nos textos:

1. Ex 33,18: *Mostra-me tua glória* // Jo 1,14: *Nós vimos a sua glória*
  - a) O texto hebraico: <sup>^</sup>dbk-ta, an" ynb' h;
  - b) O texto grego da LXX: “*deikon moi thn seautou/ doxan*”
  - c) O texto de Jo 1,14<sup>c</sup>: “*kai. eqeasameqa thn doxan autou*”.
2. Ex 33,20: *Não poderás ver a minha face porque o homem não pode me ver e continuar vivendo* // Jo 1,18: *Ninguém jamais viu a Deus.*
  - a) O texto hebraico: yxw" ~d'ah' ynb' y' al {yKi ynP'-ta, tar' ki l kllt al {
  - b) O texto grego da LXX:

<sup>5</sup> O contexto do texto que é pós-exílico também sente a ameaça da ausência de Deus por várias circunstâncias, como a destruição do Templo de Jerusalém, sendo a mais importante a futura relação do povo com Deus.

<sup>6</sup> Cf. nota 371.

“kai. eiþen ouw dunhsh| ideih mou to. proswpon<sup>7</sup> ouw gar mh. idh| anqrwpoj to. proswpon mou kai. zhsetai”.

c) O texto de Jo 1,18: Qeon oudeij ewraken pwpote

3. O verbo ver:

a) O texto hebraico: Ex 33,18; 33,20; 33,23: har

b) O texto grego da LXX: Ex 33,18: (v. deiknumi); 33,20 e 23: v. oraw

c) O texto de Jo 1,14: (qeapmai); 1,18: oraw

4. Os mediadores:

a) O texto hebraico: Ex 33,18: Ele disse (Moisés)

b) O texto grego da LXX: Ex 33,18: Ele disse (Moisés)

c) O texto de Jo 1,17: *Jesus Cristo*.

#### 4.3.2.

#### A tensão entre os elementos comuns dos dois textos

a) Moisés pede que Deus lhe “faça ver” a sua glória (Ex 33,18). Deus lhe responde com outro verbo “fazer passar”<sup>8</sup> (Ex 33,19). Há uma clara tensão entre o verbo “ver” e o verbo “passar”. O verbo *ver* está na dependência do que Deus quer *mostrar* e o que Deus quer *mostrar* está na dependência do que o homem *pode ver*; e o que o homem quer *ver* sua condição humana não o permite porque ele não poderá ver e continuar vivendo (v. 20). Por isso Deus *fará passar* diante dele o que ele pode ouvir (o nome), o que pode experimentar (toda bondade) e o que deve conhecer (a liberdade de Deus). O mais profundo desejo do homem é ver a Deus “face a face”. No AT a visão de Deus está relacionada a uma experiência privilegiada<sup>9</sup>. O desejo de ver a Deus, só rara e parcialmente é satisfeito, pois Deus é um Deus escondido (cf. Is 45,15) que se revela à fé<sup>10</sup>.

Esta tensão entre a imanência do ser humano e a transcendência de Deus desaparece no texto de João. Deus toma a iniciativa de se *fazer ver* fazendo-se homem, na pessoa de seu Filho único (1,18): o lgoj sarx egeneto. E assim, em

<sup>7</sup> A LXX traduz -mP por proswpon.

<sup>8</sup> O texto grego da LXX neste versículo difere do texto hebraico quando traduz “expressão blj -lK’ por th| doxh’”. O que faz com que Deus atenda positivamente o pedido de Moisés. Mas ao invés de Deus fazê-lo ver, vai fazer passar sua glória: kai. eiþen egw. pareusomai proteroj sou th| doxh| mou [...].

<sup>9</sup> Cf. Moisés (Ex 33), Elias (1 Rs 19,13) Isaías (6,1ss).

<sup>10</sup> Verbete *ver*, LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis: Vozes, 1977, p. 1054.

Jesus, está superada a impossibilidade do homem de ver a Deus (cf. Jo 14,9 ss). No NT Deus se faz visível na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Se há uma visão que antecede a fé, a própria fé desemboca num conhecimento e numa visão (cf. Jo 1,51; 3,21. 36). Ver a Jesus já é ver o *logoj*, “*a vida que estava junto do Pai e que nos apareceu*” (Jo 1,1; cf. 1 Jo 1,1-3; Jo 14,9 s; 12,45). Contudo, a transcendência de Deus não permite que Jesus revele toda a glória que lhe cabe (Jo 17,5), porque também ele pertence ao mundo invisível, *das realidades que não se vêem* e, que são a fonte das que vemos (cf. Hb 11,1). Portanto, a não ser na fé o desejo do homem de ver a Deus tal qual ele é não pode ser satisfeito por completo. Somente “*Jesus Cristo o autor e realizador da fé*” pode possibilitar ao homem a visão de Deus (cf. Hb 12,2): “*kai. eqeasameqa thn doxan autou*”. Por isso a visão da glória de Deus em Jesus está condicionada à fé<sup>11</sup>.

b) O motivo da glória é Deus entre seu povo. O termo *glória* comum aos três textos diverge em seus sentidos<sup>12</sup>. Mas no contexto imediato ao texto de Êxodo a *glória* apenas revelava que Deus estava entre eles; mas o modo como se fazia presente era velado, quer pela nuvem<sup>13</sup> (cf. 33,9; 34,5), quer pelo fogo (cf. Ex 19,18); quer pela tenda (cf. 33,9; cf. 25,8-9), quer pela arca (cf. 25,22), quer pelo santuário (cf. Ex 25,8). A *visão da glória* muitas vezes está associada com a teofania (Ex 19,18 ss) que é o elemento que enfatiza especialmente a divina presença. “*A glória de YHWH pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias. No sétimo dia, YHWH chamou Moisés do meio da nuvem*” (cf. Ex 24,16). Podiam-se ver os sinais dessa presença, mas a Deus mesmo não: “*O aspecto da glória de YHWH era, aos olhos dos israelitas, como um fogo consumidor no cimo da montanha*” (cf. Ex 33, 20-23; 24,17)<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> No Evangelho de João a fé é uma forma de visão: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 12,40; cf. 6,40;).

<sup>12</sup> No texto hebraico Deus promete que fará passar toda sua bondade diante de Moisés (Ex 33,19) e o texto grego diz que Deus fará passar a glória. Portanto, o termo *glória* neste versículo (33,19) é entendido pela LXX como equivalente a manifestação de toda bondade de Deus. No v. 20 do texto hebraico há indícios de que os termos *glória* e *face* se equivalem (cf. vv. 18 e 20 e também vv. 22 e 23). Cf. Cap. I.

<sup>13</sup> Cf. “Eis que eu virei a ti na escuridão de uma nuvem... (Ex 19,9. 21); O próprio Moisés em cuja face resplandecia a consequência de ter falado com Deus teve que colocar um véu porque os israelitas temiam se aproximar dele (cf. Ex 34,29-35).

<sup>14</sup> Verbete *דְּבָרֵי* Glória, Ex 14,18; 17,6; 19,18; 24,17; cf. Ez 10,4. 18s; 22s; 39,21-29; Sl 19,2; e outros; A glória neste contexto designa o próprio Deus enquanto se revela em sua majestade, em seu poder, no brilho de sua santidade, no dinamismo de seu ser. LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis: Vozes, 1977, p. 381.

Consoante o texto Joanino a maneira de Deus se fazer presente determina o sentido que o termo *glória* tem para o Evangelista (1,14<sup>c</sup>): *A glória é ver Deus na carne*. Homem entre os homens (1,14<sup>c</sup>) *Jesus manifestou a sua glória* (cf. 2,11; 17,5), que se revelou principalmente na sua *hora*, na cruz (12,23. 28). Portanto, é na pessoa de Jesus, na sua vida, o lugar onde acontece a plenitude da *glória* de Deus (17,22). Produziu-se assim uma grande mudança na revelação de Deus ao assumir uma existência na carne de Jesus Cristo e, conseqüentemente, no sentido de *glória*<sup>15</sup>.

#### 4.4. Seletividade

O critério de seletividade está interessado em conhecer em que medida os termos e expressões destes dois textos os unem, os aproximam de forma mais íntima. Portanto, em que medida o texto de Jo 1,14-18 é mais próximo de Ex 33,18-23 do que de outros textos do AT.

##### 4.4.1. A importância de termos e expressões de Ex 33,18-23 em Jo 1,14-18.

a) O termo *glória*<sup>16</sup> e o verbo *ver* no texto de João são os elementos de maior importância para assegurar a proximidade entre os dois textos. Não há nada que Deus *mostre* que não manifeste *sua glória*. Por conseguinte, é inevitável que a “*visão de Deus*” esteja relacionada à sua “*glória*”. A revelação continua e sua manifestação histórica sempre é descrita em termos de “*visão de glória*”. Muitas vezes aparece a súplica para ver a “*face*” (Sl 27,8s; 42,2). Mas é digno de nota que a súplica pessoal: “*mostra-me, por favor, tua glória*” é exclusiva de Moisés; portanto, sem similar no AT. No AT o termo *glória* aparece 217 vezes<sup>17</sup>, e tem um sentido muito amplo. Nos textos proféticos e nos litúrgicos geralmente vem

<sup>15</sup> O povo de Israel aprendeu o Temor de Deus ao associar a santidade do Transcendente à sua condição humana frágil e pecadora. Daí que a glória de Deus se tornou motivo de temor e era reservada a pessoas escolhidas. Não era medo psicológico, mas reverência perante Deus, que se revela. Em Jo a glória não mais amedronta ninguém, ela é causa do crer dos discípulos (cf. 2,11) e é para ser contemplada (cf. 17,24). LÉON-DUFOUR, X., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Petrópolis: Vozes, 1977, p. 381.

<sup>16</sup> Verbetes *diBik' Dicionário Internacional de Teologia do AT*, São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 696. Conferindo o ambiente litúrgico tem-se uma noção da riqueza polissêmica que o termo “Glória” adquiriu no contexto da revelação do AT. Assim o conceito de “ver a glória” evoluiu porque Deus continua a revelar o seu mistério inalcançável.

<sup>17</sup> *Concordância Bíblica da Sociedade Bíblica Brasileira*, 1997, p. 462-463.

associado à manifestação de Deus ou a sinais de sua presença<sup>18</sup>. Como está no contexto do texto de 33,19, como súplica pessoal não há nenhum registro.

b) No texto de Jo 1,14<sup>c</sup>, a expressão “kai. eqeasameqa thn doxan autou/” está mais próxima de Ex 33,18-23 do que de qualquer outro texto do Antigo Testamento<sup>19</sup> não apenas na linguagem<sup>20</sup>, mas também no contexto teológico como texto normativo para a fé. A maravilha da proclamação joanina em forma de confissão de fé é entendida melhor à luz de Ex 33,18ss. Pelo fato de concentrar todo o universo simbólico relacionado à revelação esta expressão é a única que poderia plenamente concluir e atualizar a história da revelação de Deus por sua *Palavra* no prólogo<sup>21</sup>: kai o` logoj sarx egeneto kai. eqeasameqa thn doxan autou/(Jo 1,14).

A expressão: ^dbk.ta, an' ymāfr do texto de Ex 33,18 é o elo mais íntimo entre eles. A familiaridade com a qual João a utilizou dá bem a medida de quanto estes textos estão próximos. A novidade absoluta da revelação de Deus na “carne” de Jesus Cristo só poderia ser expressa com: “kai. eqeasameqa thn doxan autou/”.

c) Ainda ligado ao verbo *ver* outro elemento que os une é o da impossibilidade do homem de ver a Deus. O texto de João ao dizer que “Qeon outeij ewraken pwpote” apresenta-se como parceiro de Ex 33,20: yxw' ~dah' ymāfr al {yKi mP'ta, tar' i lkw' al Os dois textos se mostram muito próximos, apesar de o texto joanino superar o texto de Êxodo: “monogenhj qeoj o` wh eij ton kolpon tou/ patroj ekei/hoj exhghsato”. Agora, realmente ao homem é dada a possibilidade de ver a Deus “face a face” (cf. Jo 10,30; 14,9s; 17,5) e não só pelas costas.

<sup>18</sup> Glória como os atos de Deus na história: Sl 66,2ss: Cantai a glória de seu nome, dai glória ao seu louvor. Dizei a Deus: “Quão terríveis são tuas obras”; - Glória como lugar da habitação de Deus onde os fiéis podem louvá-lo: Sl 26,8: O lugar em que reside sua glória; Sl 29,9: No seu templo os fiéis bradam glória; Sl 63,3: Eu te contemplava no templo vendo teu poder e tua glória; - Glória como salvação: Sl 21,6: Grande é tua glória e tua salvação; Sl 96,2-3: Proclamai sua salvação, dia após dia, anunciai sua glória...; Sl 85,10: Sua salvação está próxima dos que o temem, e a glória habitará nossa terra; Sl 62,8: Em Deus está minha salvação e minha glória; Sl 85, 8: Mostra-nos YHWH teu amor e concede-nos tua salvação. A visão da glória é universal: Sl 97,6: Os povos todos vêem sua glória.

<sup>19</sup> O texto de Jo 1,14-18 está próximo de todo o capítulo Ex 33 (armar a tenda, a intimidade de Deus com Moisés, a Lei, a mediação, a promessa da presença). Mas, de modo especial com a seção 18-23; pois aí há mais intimidade com Jo 1,14-18. Há aproximação também com Ex 34,5-9; Is 40, 5; porém não no nível de intimidade com Ex 33,18-23.

<sup>20</sup> A súplica emprega a linguagem da retórica da persuassão e, portanto, reforça o grande desejo do homem de conhecer o seu interlocutor, de vê-lo face a face (cf. Ex 33,11). Mas essa expressão mostra-se seletiva também pelo fato de se adequar às crescentes mudanças que o contexto histórico e litúrgico vai exigindo. SCHÖKEL-CARNITI, *Salmos – Grande Comentário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 1996, p. 65-70.

<sup>21</sup> Cf. O Prólogo (Jo 1,1-13), contexto anterior ao texto de Jo 1,14-18.

d) Pode-se perceber também uma proximidade entre os dois textos se se considera a “*bondade de Deus*” (33,19) como graça e verdade. O texto Joanino fala da *graça e verdade* por duas vezes: *doxan wj monogenouj para patroj( pl hrhj caritoj kai. al hqei aj (v. 14<sup>e</sup>). h carij kai. h al hqei a dia. Wlhsou/ Cristou/ egeneto (v.18)* No texto de Ex 33,19 Deus promete a Moisés fazer passar *toda bondade* diante de sua face: *^ynP<sup>2</sup>-l [: blj -l k' rybi[; ymb]*

#### 4.4.2.

#### A originalidade de Jo 1,14-18

Pelo fato de pertencer ao Prólogo do Evangelho de João, o texto de 1,14-18 é, por natureza, altamente seletivo. Mas o é também nele mesmo. A proclamação de que o *logoj* divino se fez carne (1,14) anuncia o fim de uma velha ordem e dá a boa nova que reflete a liberdade, o poder e o amor de Deus de se aproximar do homem fazendo-se *homem*. Em todo o Novo Testamento não existe afirmação igual<sup>22</sup>. São exclusivos do texto Joanino - além do anúncio da encarnação do *logoj* - a confissão de fé (1,14) e o testemunho de sua preexistência (1,15), a revelação de que o *logoj* é o Filho único (1,14<sup>e</sup>), e que ele é Jesus Cristo (1,17), pelo qual nos chega a graça e a verdade de Deus (1, 16 e 17), e que somente ele como Filho que está no seio do Pai O revela. A seletividade deste texto se reflete não somente no conteúdo teológico, do qual é depositário, mas também na estrutura literária, na terminologia empregada, e sobretudo no aspecto semântico (cf. cap. II). Quase toda a terminologia empregada em Jo 1,14-18 (excetuando as do texto de Ex 33,18-23) é exclusiva e seleta:

- o O uso do termo *logoj* no sentido pessoal e absoluto (Jo 1,14<sup>a</sup>) para designar o Filho que está no seio do Pai como Filho único é exclusivo deste texto;
- o O uso do termo *sařx* para expressar a natureza da revelação (Jo 1,14<sup>a</sup>);
- o O uso do termo *eskhnwsen* no NT para expressar o lugar onde o revelado pode ser encontrado (Jo 1,14<sup>b</sup>);
- o O termo *monogenhj* usado em 1,14<sup>d</sup> em sentido absoluto é também exclusivo deste texto, assim como o *monogenhj qeoj* do v. 18, pois no Evangelho ele comparece em 3,16, mas antecedido do substantivo filho: *uion ton monogenh/*

<sup>22</sup> Há textos (como Fl 2,6-11; Cl 1,15-20; Ef 1,3-14; Hb 1,1-4) que fazem referências à preexistência, a Jesus como Palavra eterna do Pai, ao seu poder na criação, à filiação divina, mas não proclamam a encarnação do *logoj* como o texto Joanino.

- Πληρῆς aplicado ao Filho único também é exclusivo deste texto (Jo 1,14<sup>e</sup>);
- Χαριτοὶ καὶ ἀληθεῖαι esta expressão é também própria de João no NT e sua originalidade se acentua quando se tem em mente que ela porta o sentido e toda a carga semântica da herança do Antigo Testamento τμήματα, que está associada ao dom da Lei que veio por Moisés (1,17; cf. 34,6).
- Τὸν κοῖνον τοῦ πατρὸς a expressão corresponde à intimidade com Deus<sup>23</sup>. No NT ela só aparece aqui.
- O verbo ἐξηγήσατο significa contar uma narração, revelar ou explicar segredos divinos<sup>24</sup>. O seu uso é específico deste texto e se refere ao que o Evangelho vai narrar.
- Ἦν καὶ ἡ ἀληθεῖα διὰ τοῦτο/ Jesus Cristo como portador dos atributos divinos que correspondem à graça e à fidelidade de Deus (cf. Ex 34,6) também a expressão é própria deste texto.
- A igualdade entre θεοὶ e οὗ πατρὸς só aparece aqui em Jo 1,18.
- O Batista como testemunha da preexistência aparece apenas neste texto (cf. v. 15) e em 1,30.

#### **4.5. Estrutura**

O critério da estrutura procura verificar em que medida as estruturas dos dois textos convergem para os mesmos pontos importantes, para os mesmos pontos centrais, ou um ponto secundário em Êxodo torna-se importante ou mesmo central em João ou vice-versa.

##### **4.5.1. Elementos estruturais no texto de Ex 33,18-23**

Os elementos que definem a estrutura de Ex 33,18-23 e que constituem o seu núcleo teológico estão identificados com a questão da transcendência e da imanência de Deus; portanto, com a visão de Deus pelo homem:

- a) Os verbos ver (não ver) e passar

<sup>23</sup> A imagem exprime intimidade (cf. Jo 13,25). O judaísmo rabínico dizia que a Torah permanecia no seio de Deus (cf. nota 300). O seio é, sobretudo, símbolo de proteção, de maternidade. Em Lc 16,22 aparece a expressão “seio de Abraão” designando o lugar de repouso dos justos e corresponde à antiga expressão bíblica “reunir-se com os pais” (Cf. Jz 2,10; Gn 15,15; 47,30). CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A., *Dicionário de Símbolos*, Verbete *seio*, RJ: José Olímpio, 2006, p. 809.

<sup>24</sup> BARRET, C. K., *El Evangelio Según San Juan*, Madrid: Cristiandad, 2003, p. 255.

- b) Nome, bondade, glória
- c) Agraciar, ter misericórdia
- d) Os termos face, costas e mão

a) A súplica de Moisés para que Deus *se faça ver* por ele sustenta toda organização do texto. O verbo *har* constitui-se em seu eixo temático. Abre o diálogo (v. 18) na seqüência, quando da resposta negativa de Deus a Moisés no v. 20: “*Não poderás ver*” e no fim do diálogo comparece por duas vezes, uma positiva e outra negativa, após Deus preparar uma maneira de atender à súplica de Moisés (v. 23): “... E me *verás* pelas costas, mas minha face não *verão*. Também o verbo *rb[* (passar) está em relação paralela com o verbo *ver*, como para contrabalançar. Ele se situa no texto sempre no momento no qual Deus fala da possibilidade de manifestar algo ao homem, no caso, a Moisés. Está presente no v. 19 quando Deus faz a promessa, e no v. 22 por duas vezes: ao indicar o lugar no qual Moisés deverá ficar e, quando terminar sua manifestação. Se o verbo *ver* está associado à atitude humana o verbo *passar* está em conexão com o agir de Deus. O *ver* do homem e o *passar* de Deus estruturam o texto de forma paralela. Os outros elementos como os do caráter de Deus e os termos que expressam partes do corpo em referência a Deus são o complemento do *ver* e do *passar*. Portanto, os elementos que catalizam a centralidade do texto de Ex 33,18-23 são o *ver* do homem e o *passar* de Deus.

b) No entanto, o termo glória é o objeto do *ver* e do *passar*. É, portanto, também essencial, é o elemento em torno do qual gira todo o conteúdo do texto. A glória está ligada à maneira como o Transcendente se faz *ver*; sempre anuncia sua presença.

c) Ligados ao termo Glória, como para complementá-la, em virtude de pertencerem ao universo simbólico da linguagem da revelação, estão os termos “nome”, “toda bondade” e a expressão da “liberdade de Deus” no seu agir misericordioso e na sua gratuidade.

d) Os termos face, costas e mão que são aplicados a Deus querem revelar a sua proximidade e ao mesmo tempo sua incompreensibilidade, o mistério no qual Deus se esconde.

#### 4.5.2. Elementos estruturais no texto de Jo 1,14-18

O eixo central do texto joanino é a proclamação de fé na natureza da divina presença: “o *logoj* se fez carne” e do seu lugar: “armou a tenda entre nós” com sua consequência para a humanidade. Estas afirmações que estruturam o texto se articulam em dois momentos distintos:

- 1) A confissão e testemunho de que a glória pode ser vista pelos homens (1,14-15).
- 2) E a plenitude de graça e de verdade da qual o Filho único do Pai é o portador (1,16-18): “*Dele todos nós recebemos*”.

- Do primeiro momento os elementos estruturais são as expressões:

- a) O *logoj* se fez carne
- b) Armou a tenda entre nós
- c) Nós vimos sua glória
- d) Glória de Filho único do Pai

- Do segundo, os elementos estruturais são:

- a) O recebimento da plenitude da graça e da verdade
- b) A revelação do nome do Filho único.

#### 4.5.3. Relação entre os elementos estruturais nos dois textos:

1. A visão da glória é essencial nos dois textos, porém há uma gradação. No primeiro texto o **ver** é objeto de desejo (Ex 33,18). No segundo, a visão da glória é uma proclamação auspiciosa (Jo 1,14).
2. O verbo ver é essencial nos dois; porém o ver Joanino é expressão de fé na revelação da glória de Deus na *carne*. A confissão de fé da comunidade (1,14) inaugura uma fase inteiramente nova no relacionamento entre Deus e o homem. É a fé em Jesus como “revelador do Pai” (3,34ss; 6,46; 8,19. 24) quem vai discernir a nova presença de Deus na história. Como a glória foi vista na carne do *logoj* o testemunho de uma figura histórica que respalda a confissão de fé da comunidade (1,15) mostra a importância da dimensão da fé no acolhimento do Filho.
3. No primeiro período da revelação *Deus faz passar* (Ex 33,19), toda sua bondade, mas não se desvela, continua abscondito. É indisponível. No texto

Joanino a forma de presença *na carne* sai dos parâmetros da revelação. Deus *egeneto* (acontece) em Jesus, o Cristo, o Filho único, portador da graça e da verdade. Assim a liberdade de Deus (Ex 33,19) é experimentada de forma concreta na encarnação do *logoj*.

4. O verbo *passar* (rb[ ]) que no texto do Êxodo era um dos termos principais é substituído pelo verbo *receber* (lambmw). Toda a bondade de Deus (yblj -lK) foi recebida em plenitude por meio de Jesus Cristo (cf. Ex 33,19 // Jo 1,16).

5. No texto Joanino a revelação da glória do Deus Transcendente acontece em nova forma de presença e em novo lugar. Não mais no alto da Montanha nem na nuvem; mas na imanência da carne de Jesus (1,14). Todos podem encontrá-lo sem mediação (v. 1,14 cf. Jo 14,9), pois ele “armou a tenda no meio dos homens” (v. 1,14 cf. Jo 1,29. 36. 43ss e outras). Desapareceu a busca angustiada de Deus, pois no seu Filho “Jesus Cristo” Ele se aproximou de todos os homens (1,17).

6. A nova mediação: *h' carij kai. h' alhgeia dia. Vhsou/ Cristou/ egeneto*. Ao fazer-se homem Jesus assumiu para si a mediação dos homens diante de Deus até o dom total de si mesmo, e a manifestação assim do amor do Pai<sup>25</sup>. A glória de Jesus Cristo que é vida (Jo 1,4) e Luz (Jo 1,5) e que veio para dar a vida (Jo 10,10; 15,13) e ser a Luz dos homens (cf. 8,12) resplende, sobretudo, na paixão, que é a glorificação do Filho pelo Pai e do Pai pelo Filho (13,31s). Na plenitude de *graça e verdade* está a *salvação*. Moisés também assumira no passado de forma exemplar a mediação do povo de Israel (cf. Ex 32,14), no entanto, o castigo pelo pecado não fora retirado: “*Mas no dia de minha visita punirei o pecado deles*” (cf. Ex 32,34s). Agora Deus, em Jesus Cristo, estabelece nova relação com o homem gratuitamente unindo-o a si na íntima comunhão entre o Filho e o Pai: “*Porque Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgá-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele*” (cf. Jo 3,17).

7. O cuidado de Deus para com Moisés ao ver passar a sua glória (Ex 33, 21-23) que é secundário no primeiro texto, no segundo é essencial, pois se transforma no envio do Filho único que estava no seio do Pai (v. 14 e 18).

8. Os termos *face, mão, costas* se acham incluídos na proclamação de Jo 1,14: *o lojoj sarx egeneto*.

<sup>25</sup> MATEUS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, São Paulo: Paulinas, 1989, p. 70.

9. A comunicação neste novo tempo se faz na pessoa do *logoj* no qual se revela a glória do Filho único de Deus. O monogenouj para. patroj o único que viu a Deus e, por meio do qual se toca o mistério do Deus invisível. Ele é a Palavra do Pai que se fez carne: “*Eu falo o que vi junto de meu Pai*” (cf. Jo 8,38).

10. Ao proclamar a presença de Deus no seu Filho (cf. Jo 10,30), o texto também comunica que o Deus que se revelou a Moisés (Ex 34,6)

tmak dsx;brn> ~yPa; %ra, !lllx> ~llkr: lae hihy> hihy> é o Pai de Jesus Cristo e que é somente por autou/ himeij pantej el abomen kai. carin anti. caritoj\ (cf. Jo 1,16; 5,20. 5,43).

#### 4.6.

#### Síntese do Capítulo III

Este terceiro momento se ocupou essencialmente da verificação de uma correspondência entre os dois textos pesquisados, a fim de permitir estabelecer uma apreciação das relações intertextuais. Conferindo os critérios adotados pode-se concluir que:

a) As referências temáticas manifestaram a recorrência a temas que se tornaram paradigmas do falar sobre a presença de Deus ou sua manifestação<sup>26</sup>. A recorrência mostra a importância deles. Temáticas como a “visão da glória”, a “revelação do ser, do nome e da liberdade de Deus”, “a impossibilidade do ser humano de ver a face de Deus”, “os mediadores”, o “lugar da revelação” constituem os enunciados dos dois textos. São as “Relações temáticas” que fazem a intertextualidade e ajudam a visualizar os eixos semânticos que percorrem os dois textos e a sua evolução.

b) O critério do Diálogo dá autoridade para se afirmar que as duas passagens são parceiras no diálogo porque apresentam um contexto no qual a reflexão teológica da questão da *presença de Deus* e da natureza de sua *presença*<sup>27</sup> entre os homens que caracteriza o segundo texto, entra em ressonância com o texto predecessor. Esta reflexão não é atemporal. Tanto em Ex 33,18-23 quanto em Jo

<sup>26</sup> O termo “glória” em João se entende como sendo uma revelação da parte de Deus, ou como sendo a intervenção na história, feita pelo poder dele. A glorificação de Jesus torna-se uma realidade por seus sofrimentos, morte e ressurreição. Verbete Glória, *Dicionário Internacional de Teologia do NT*, São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 902.

<sup>27</sup> O texto de Ex 33,18-23 é o mais extenso tratamento do assunto da presença de Deus no Antigo Testamento (cf. item 2.5.). O NT o texto de Jo 1,1-18 é o mais explícito sobre a manifestação da presença divina quando afirma que no “*logoj* encarnado” a comunidade cristã fez a experiência da absoluta proximidade de Deus: O próprio Deus morando entre os homens.

1,14-18 estas experiências fundamentais estão em relação com uma dada crise religiosa identificada com a questão da imanência e da transcendência de Deus nas quais a intervenção divina é necessária. Cada texto então é fruto de um esforço para transmitir confiança na presença de Deus no meio dos homens e expressar aquilo que todos deviam crer. O diálogo dá-se pela atualização incessante da “história da salvação”.

c) A atenção às linguagens oferecida pelo critério da comunicação faz perceber pelo registro das duas experiências religiosas que o texto do NT buscava compreender a autenticidade de sua experiência à luz do texto do Êxodo considerado como obra fundante para sua comunidade de fé e assim procurava definir-se ante a sua teologia<sup>28</sup>. No texto antigo, que acumulava milhares de anos de experiência humana, se buscava discernir traços do mistério indizível de Deus, que vem ao encontro do homem, compartilhando assim, suas descobertas.

d) O critério da Seletividade assegura que estes textos são registros seletos que estendem as respectivas experiências de Deus a todo o povo de Israel (AT) e a toda comunidade cristã (NT). Sugere uma seleção em forma de sumário sobre o que o homem deve conhecer do encontro com o Deus vivo. Portanto, os textos em si não são simplesmente um relato, mas uma profunda reflexão teológica sobre a experiência da presença de Deus e que pretende ser normativa para toda a comunidade, pois expressa a mais autêntica fé de Israel e da comunidade cristã.

e) O critério da estrutura apresenta uma estreita similitude entre os dois textos. Pode-se afirmar que o *ver* estrutura os dois textos. As Estruturas são convergentes entre si, mas de modo inverso. O primeiro texto se inicia com o pedido para que Deus se faça *ver* por Moisés (Ex 33,18) e gradativamente, em torno do *ver*, vai se desenvolvendo; o segundo inicia-se com uma intensa proclamação do que foi *visto* pela comunidade e é concluído pela visão do Filho único que viu a Deus e por isso o faz visível ao homem (Jo 1,14. 18). E esta visão e suas conseqüências vão sendo detalhadas no decorrer do texto.

Em síntese: Os textos dialogam, se complementam e evoluem. O texto de João faz uma releitura do texto de Ex 33,18-23 quando:

---

<sup>28</sup> ANDIÑACH. P., O Pentateuco e suas projeções teológicas, In: *RIBLA* 23, Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1996, p. 23-24.

- Substancia a confissão da visão da glória no “I ogoj feito carne” na temática da revelação do texto do Êxodo. Aproxima-se no uso da expressão *ver a glória*, mas se distancia dela no modo como a glória é vista.
- Ao utilizar o termo “tenda” como lugar da morada de Deus (Jo 1,14<sup>b</sup>). Distancia-se no sentido novo: a tenda é a carne de Jesus.
- Na problemática da impossibilidade do homem *ver* a Deus. O texto joanino faz um arco entre as duas realidades para destacar o momento presente: Deus se faz homem para que o homem tenha possibilidade de vê-Lo. E quanto à impossibilidade advinda pelo pecado, o texto Joanino quer enfatizar que este obstáculo também foi derrubado. No Filho foram perdoados todos os pecados, pois ele trouxe graça sobre graça. A questão da transcendência de Deus e sua imanência no I ogoj o distancia muito da do texto do AT, mas João parte dele para chamar a atenção para a plenitude da revelação.
- Na mediação: Moisés, portador da Lei; Jesus da graça e da verdade (Jo 1,17)
- No recebimento dos bens: Todos recebem.
- Na liberdade do agir de Deus.
- Nos mediadores: O Deus de Moisés é em João o Pai do Filho único que O revela.
- Na exclusividade da visão de Deus só para Moisés. O I ogoj foi visto por muitos. A universalidade da salvação trazida por Jesus Cristo, portador da graça e da verdade.
- O passar da bondade de Deus serve para João afirmar a permanência da plenitude dos bens trazidos por Jesus Cristo: “*e graça sobre graça*”.

Esta releitura que o texto joanino faz do texto de Ex 33,18-23 é uma afirmação de sua importância. Quando um texto é reconhecido como fundante por uma comunidade, é relido pelas gerações sucessivas e seu sentido é expandido. Em alguns casos, desse modo, evidencia-se uma riqueza significativa que estava de alguma maneira oculta aos primeiros leitores, e que agora é revelada nas sucessivas atualizações que no devir da história foram feitas<sup>29</sup>. A partir deste estudo de intertextualidade pode-se perceber o grau de complexidade que o registro textual de uma experiência de Deus teologicamente refletida exige.

---

<sup>29</sup> ANDIÑACH, P., O Pentateuco e suas projeções teológicas, In: *RIBLA* 23, Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1996, p. 23.